

ELEIÇÕES 2016

FLÁVIA
OLIVEIRA



Precisamos falar sobre os jovens 1

Mais grave e urgente do que a crise econômica, por aguda e duradoura, é a endemia homicida dos jovens brasileiros — em particular, dos negros. É mazela que pouco comove corações e

mentes país a fora, talvez pela impressão (equivocada) de não se relacionar com o emprego de ontem ou com o salário de amanhã. Errado. As mortes por causas externas, o IBGE já constatou, ocorrem em escala suficiente para reduzir a esperança de vida dos homens brasileiros. Na frieza das variáveis econômicas, significa escassez de mão de obra e, conseqüentemente, diminuição do potencial de geração de riqueza.

O Mapa da Violência 2014 foi dedicado à mortalidade dos jovens. No país, são pelo menos 30 mil homicídios anuais na faixa etária dos 15 aos 29 anos. O Estado do Rio, desde 2008, registra não menos que dois mil assassinatos por ano; na capital, ocorrem 60% dos casos. Violência urbana e execuções cometidas por policiais são atribuições do governador, não do prefeito. Mas a autoridade máxi-

ma do município não deveria dormir em paz na Gávea Pequena sabendo que, a cada dia, ao menos três cariocas tombarão antes de completar três décadas de nascimento.

No município do Rio, 1,455 milhão de habitantes têm entre 15 e 29 anos. Somam quase um quarto (23%) da população. Em comunidades como Rocinha, Complexo do Alemão e Cidade de Deus, a proporção de jovens se aproxima de 30%, segundo dados da Fundação Getúlio Vargas (FGV). Não só pela quantidade de adolescentes, mas também pela brutalidade dos confrontos relacionados ao tráfico de drogas e às intervenções policiais, a tragédia homicida espreita, principalmente, os moradores das favelas. Pode estar aí explicação para a falta de empatia do asfalto com situação tão dramática.

Políticas públicas em educação, esportes, qualificação e inserção profissionais são fundamentais para mudar a perspectiva de futuro da juventude carioca, especialmente em tempos de crise. Adolescentes que tiveram, em anos recentes, a possibilidade de se dedicar aos estudos, no ambiente recessivo, estão sendo pressionados a entrar no mercado de trabalho para ajudar financeiramente as famílias. Afora a dificuldade de conseguir ocupação, já que o desemprego dos 18 aos 24 anos é mais do que o dobro da taxa média, o trabalho precoce ameaça concretamente a qualidade do capital humano e, portanto, o desenvolvimento sustentável do município. Nenhum prefeito pode abrir mão do compromisso com a vida e o futuro da juventude local. É na cidade que vivemos. (Continua no próximo sábado) ●